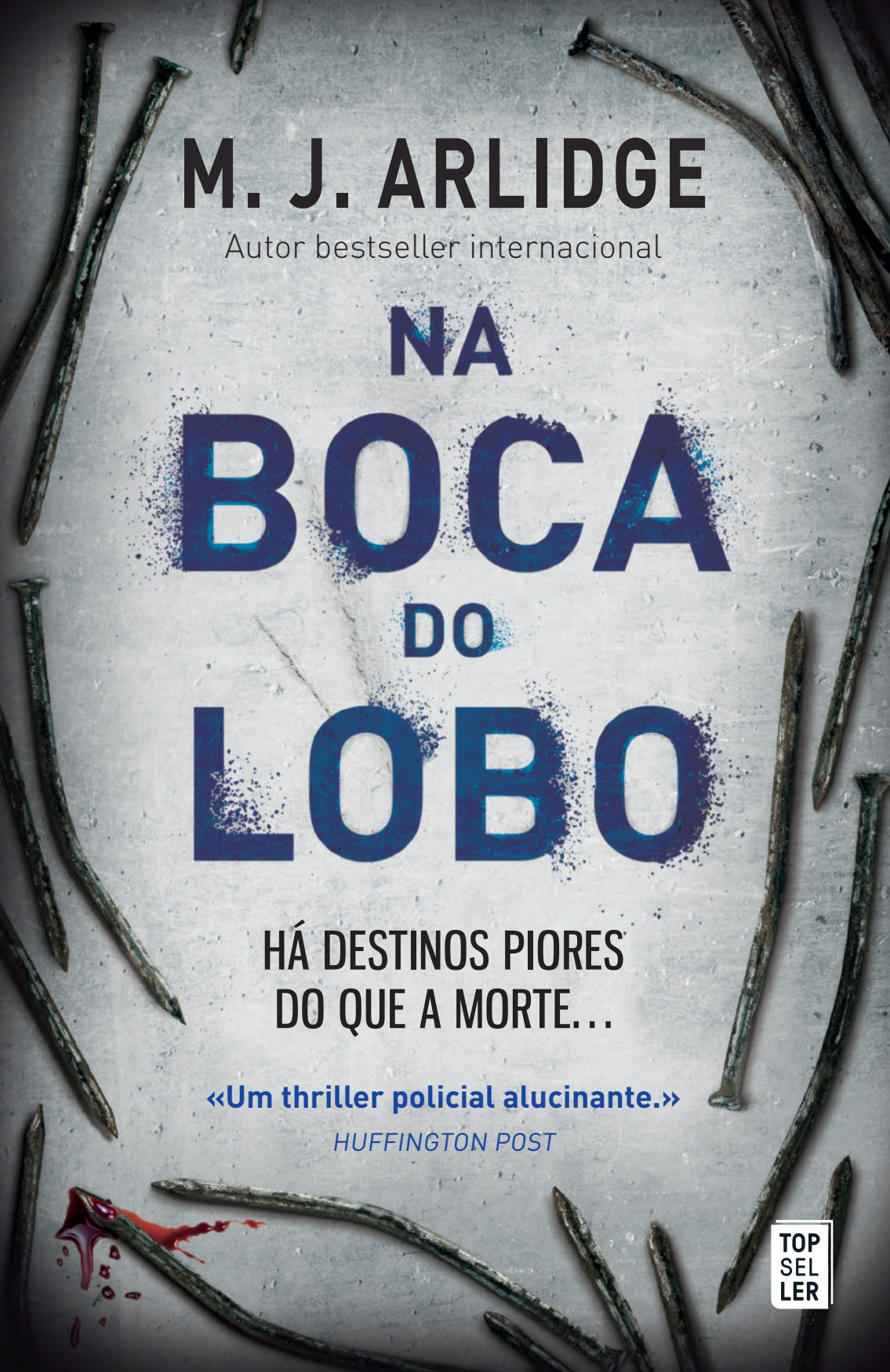




M. J. ARLIDGE

Autor bestseller internacional

NA BOCA DO LOBO

**HÁ DESTINOS PIORES
DO QUE A MORTE...**

«Um thriller policial alucinante.»

HUFFINGTON POST

**TOP
SEL
LER**

1

Ele parecia um anjo caído. O seu corpo musculado, despido a não ser por um par de asas de prata, encontrava-se suspenso no ar, rodando para a frente e para trás na pesada corrente que o prendia ao teto. Tinha os dedos a tatear virados para baixo, a tentar chegar à chave que representaria a sua libertação, mas ela permaneceu desesperadamente fora do alcance. Ele estava à mercê da sua captora e esta circulava agora à sua volta, a pensar em onde incidiria o ataque seguinte. No peito? Nos genitais? Nas plantas dos pés?

Juntara-se uma multidão para observar, mas *ele* não perdeu tempo. Estava entediado com o espetáculo — já o vira inúmeras vezes — e seguiu rapidamente em frente, à espera de encontrar outra coisa que o distraísse. Ele aparecia sempre no Baile Anual — era o grande destaque da agenda sadomasoquista da Costa Sul —, mas suspeitou que este ano seria o último. Não se devia simplesmente ao facto de estar sempre a deparar-se com atos que queria evitar, mas principalmente por a cena se ter tornado tão *familiar*. O que em tempos lhe parecera chocante e emocionante agora parecia-lhe vazio e forçado. As mesmas pessoas a fazer sempre as mesmas coisas e a comprazerem-se com as atenções.

Talvez esta noite ele não estivesse para aí virado. Desde que se separara de David, sentia-se tão assustado que nada parecia dar-lhe prazer. Fora ali mais na esperança do que na expectativa e já sentia a desilusão e o descontentamento consigo próprio a crescerem no seu interior. Toda a gente parecia estar a divertir-se — e sem dúvida que não faltavam propostas dos outros farristas —, por isso, o que é que se passava de errado com ele? Porque era incapaz de lidar com o facto de estar sozinho?

Abriu caminho até ao bar e pediu um *Jameson* duplo. Enquanto o barman lhe preparava a bebida, passou os olhos pelo local. Homens, mulheres e outros que se encontravam algures no meio desfilavam nas

pistas de dança e nos estrados — uma massa de humanidade em ebulição apinhada entre as paredes dilapidadas da discoteca. Era a noite deles e vestiam todos os seus melhores trajes — dominadores com fatos de borracha com espinhos, virgens com cadeados, pegas que se transformavam em cisnes e, claro, os obrigatórios fatos integrais de látex. Todos se esforçavam bastante.

Assim que virou costas ao bar, desgostoso, viu-o. Enquadrado pela multidão frenética, aparece como um ponto fixo — uma imagem tremendamente imóvel no meio do caos, a observar descontraidamente os outros clientes da discoteca diante dele. Seria um «ele»? Era difícil de dizer. A máscara preta de couro ocultava tudo com a exceção dos olhos, e o fato a combinar revelava apenas uma figura esguia e andrógina. Passando os olhos pelo corpo ocultado à procura de pistas, percebeu de repente que o objeto da sua atenção o fitava diretamente. Envergonhado, desviou o olhar. No entanto, segundos depois a curiosidade levou a melhor e deu outra espreitadela.

Ainda estava a olhar para ele. Desta vez não desviou o olhar. Os olhos deles permaneceram presos um ao outro por uns dez segundos ou mais, antes de a figura de repente dar a volta e se afastar, dirigindo-se às zonas mais escuras e discretas da discoteca.

Agora ele não hesitou, seguindo-o para lá do bar, para lá da pista de dança, para lá do anjo acorrentado e sempre na direção das salas das traseiras — extremamente procuradas naquela noite enquanto espaços privados para encontros breves e febris. Sentia a sua excitação a crescer e, conforme acelerou o passo, o seu olhar abarcou os contornos da pessoa à sua frente. Seria imaginação dele ou haveria algo de familiar no que tocava à forma do corpo? Seria alguém conhecido, alguém que conheceria no trabalho ou em lazer? Ou seria um completo estranho, que o escolhera à procura de uma atenção especial? Era uma questão intrigante.

Então a figura deteve-se, permanecendo sozinha numa divisão pequena e lúgubre mais à frente. Noutra situação, as cautelas tê-lo-iam levado a hesitar. Mas não naquela noite. Não naquele momento. Portanto, entrando no quarto, avançou diretamente na direção do vulto que o esperava, fechando a porta com força atrás de si.

2

O grito penetrante revelou-se longo e alto. Os olhos dela incidiram para a esquerda mesmo a tempo de ver a origem do ruído — uma raposa assustada a correr para o matagal —, mas não alterou o ritmo das passadas, mergulhando ainda mais fundo na floresta. Independentemente do que acontecesse agora, tinha de seguir em frente.

Sentia os pulmões a arder, doíam-lhe os músculos, mas prosseguiu, desafiando os ramos baixos e os troncos caídos, rezando para que a sua sorte se mantivesse. Era quase meia-noite e não se via vivalma, alguém que pudesse ajudá-la caso caísse, mas agora estava perto.

As árvores eram cada vez mais escassas, a folhagem menos densa, e segundos mais tarde ela revelou-se — uma figura esguia e encauzada a correr na direção da vasta extensão do Parque Common de Southampton. Aproximava-se depressa do cemitério que assinalava a ponta ocidental do parque e, apesar de o seu corpo se queixar amargamente, lançou-se uma vez mais para diante. Segundos mais tarde ela chegou lá, batendo com força com a mão nos portões do cemitério, antes de levantar a manga para travar o cronómetro. Marcava 48 minutos e 15 segundos — um novo recorde pessoal.

Respirando sofregamente, Helen Grace baixou o seu capuz e voltou o rosto para a noite. A lua encontrava-se praticamente cheia, o céu estava limpo de nuvens e a brisa suave ondulante era fresca e refrescante. O seu coração batia a um ritmo furioso, o suor escorria-lhe pelas faces, mas deu por si a sorrir, satisfeita por ter cortado meio minuto ao seu melhor registo, agradada por ter pelo menos a lua para testemunhar o seu triunfo. Nunca puxara tanto por si, mas valera a pena.

Baixando-se, começou a fazer alongamentos. Sabia que era uma visão estranha — uma mulher sozinha a contorcer-se à sombra de um cemitério

decadente — e que muita gente a teria repreendido por ir ali a uma hora tão tardia da noite. Mas agora fazia parte da sua rotina e nunca sentira ali qualquer tipo de medo ou ansiedade. Deleitava-se com o isolamento e a solidão — de certa maneira, estar sozinha fazia com que sentisse que era o *seu* espaço.

A sua vida sempre fora tão problemática e complexa, tão atormentada por incidentes e perigos, que havia poucos locais onde se sentia verdadeiramente em paz. Mas ali, um vulto minúsculo e anónimo, enfezado pela imensa escuridão do parque deserto, sentia-se relaxada e feliz. Mais do que isso, sentia-se livre.

3

Ele não conseguia mover um músculo.

A conversa fora breve e tinham passado rapidamente ao principal acontecimento. Fora puxada uma cadeira para o meio da divisão e ele fora levado a sentar-se lá de forma rude. Sabia que o melhor era não dizer nada — a beleza daqueles encontros residia no facto de serem misteriosos, anónimos e secretos. Uma conversa descuidada arruinava o momento, mas não ali — algo naquele momento indicava que correria bem.

Recostou-se na cadeira e permitiu-se ser atado. O seu captor viera preparado, envolvendo-lhe os tornozelos com fitas grossas, amarrando-o às pernas da cadeira. O material era macio ao toque e confortável na sua pele; expirou profundamente — estava de tal maneira habituado a assumir o controlo, a ser aquele que pensava, que planeava, que executava, que se sentia grato por, por uma vez, trocar de posto. Já há muito tempo que ninguém assumia o comando, e de repente percebeu que estava bastante excitado com tal perspectiva.

A seguir, foram os braços, empurrados gentilmente para trás das costas e depois presos à cadeira com tiras de couro. Conseguia sentir o cheiro forte da pele curtida — era um odor que o intrigava desde rapaz e o seu aroma era agradavelmente familiar. Fechou então os olhos — era mais aprazível quando não se via o que ali vinha — e preparou-se para o que se iria seguir.

A etapa seguinte era mais complicada, mas nem por isso menos afetuosa. Foram cuidadosamente desenrolados lençóis húmidos, aplicados com firmeza do tornozelo para cima. Com o passar dos minutos, a humidade começou a evaporar, os lençóis ficaram mais apertados, colando-se ainda mais à pele dele. Não demorou muito a não conseguir mover nada abaixo da cintura — uma sensação estranha, mas nem por

isso desagradável. Momentos mais tarde, foi preso até ao peito, com o seu amante de uma noite a concluir cuidadosamente o trabalho, prendendo o lençol de cima com fita adesiva resistente, enrolando-a em volta dos seus ombros largos e detendo-se sob a sua maçã de adão.

Ele abriu os olhos e fitou o seu captor. O ambiente no quarto estava carregado de expectativa — havia muitas formas diferentes de prosseguir o jogo: algumas consensuais, outras nem tanto. Cada uma delas tinha os seus méritos, e pensou em qual delas ele, ou ela, escolheria.

Nenhum deles falou. O silêncio era pontuado apenas pela batida longínqua do *euro pop* que ia ensurdecendo aqueles que se mantinham na pista de dança. Mas o som pareceu muito distante, como se estivessem num universo diferente, trancados juntos naquele momento.

O seu captor continuou sem fazer nada para puni-lo ou dar-lhe prazer, e pela primeira vez sentiu um acesso de frustração — toda a gente gosta de ser provocada, mas há limites. Conseguia sentir uma ereção a começar a formar-se, forçando as suas amarras, e estava ansioso por não permitir que se desperdiçasse.

— Vamos a isso — disse ele, baixinho. — Não me faças esperar. Já lá vai muito tempo desde que tive um momento de amor.

Cerrou os olhos e esperou. O que viria primeiro? Uma estalada? Um golpe? Uma carícia? Por momentos, nada ocorreu, e então, de repente, sentiu algo a roçar-lhe a maçã do rosto. O seu amante aproximara-se — sentiu-lhe a respiração na parte lateral da cara, ouviu os lábios a apartarem-se.

— Isto não tem que ver com amor — sussurrou o seu captor. — Isto tem que ver com ódio.

Abriu de repente os olhos, mas foi demasiado tarde. O seu captor já enrolava fita adesiva em redor do seu queixo, da sua boca... Tentou gritar, mas a sua língua foi empurrada para baixo pelo adesivo pegajoso e amargo. Agora, cobria-lhe as faces, esmagando-lhe o nariz. Pouco depois, a fita adesiva passou-lhe sobre os olhos e tudo ficou às escuras.

4

Helen olhou até aos limites da escuridão. Regressara ao seu apartamento, tomara um duche e enroscara o corpo numa toalha, sentando-se junto ao caixilho da janela virada para a rua. A adrenalina e as endorfinas que sentira mais cedo já se haviam dissipado, substituídas por uma acalmia descontraída e satisfeita. Não sentia necessidade de dormir — primeiro, queria gozar o momento —, pelo que assumiu a posição habitual diante da janela, o seu ponto de observação sobre o mundo.

Era em alturas como esta que Helen pensava estar a andar com a sua vida para a frente. Os velhos demónios ainda se faziam sentir dentro dela, mas o uso da dor como forma de controlar as emoções ultimamente diminuía, pois aprendera a forçar o corpo noutras direções. Ainda não chegara lá — alguma vez chegaria? —, mas ia no caminho certo. Às vezes, continha os sentimentos de esperança que isto gerava nela, temendo sair desapontada; noutras alturas cedia perante eles. Aquela noite era um desses momentos em que se permitia um pouco de felicidade.

Aconchegando a sua chávena de chá, olhou para baixo para a rua. Era como uma coruja, e aquela era uma das suas alturas preferidas, quando o mundo parecia sossegado, apesar de pleno de mistérios e sinais — o escuro antes do amanhecer. Vivendo bem no alto, não podia ser vista e podia observar sem ser detetada as criaturas noturnas que tratavam das suas vidas. Southampton sempre fora uma cidade movimentada e vibrante, e por volta da meia-noite as ruas enchiam-se regularmente de trabalhadores, estudantes, marinheiros, turistas e outra gente, conforme os bares se iam esvaziando. Helen apreciava observar o desenrolar dos dramas humanos lá em baixo — amantes a separarem-se e a reconciliarem-se, grandes amigos a manifestarem mutuamente o seu afeto,

uma mulher lavada em lágrimas a falar para o telemóvel, um casal de idosos de mãos dadas a caminho da cama. Helen gostava de se inserir nas vidas deles, imaginando o que lhes aconteceria a seguir, que altos e baixos ainda teriam pela frente.

Mas era ainda mais tarde, quando as ruas começavam a ficar mais desertas, que se viam as coisas verdadeiramente interessantes — as aves noturnas que se mantinham despertas no ponto mais escuro do dia. Às vezes, tais vistas geravam um aperto no coração — os bêbedos sem-abrigo, vulneráveis e miseráveis a arrastarem-se solitariamente pela cidade. Outras vezes, levavam-na a sentar-se — lutas entre rapazes embriagados, um drogado a deambular pelo prédio abandonado em frente, um barulhento incidente doméstico que se espalhava até às ruas. Havia outras situações que faziam Helen rir-se — caloiros empurrando-se uns aos outros em carrinhos de compras «pedidos emprestados» num supermercado Sainsbury's, sem fazerem a mínima ideia de onde se encontravam ou de como encontrariam o caminho de volta para os seus alojamentos.

Toda a vida humana passava diante dos olhos dela e Helen sorvia-a, apreciando a sensação de tranquila onnipotência que lhe proporcionava a sua vista desde o alto. Às vezes repreendia-se a si própria pelo voyeurismo, mas eram mais as vezes em que lhe cedia, chafurdando na «companhia» que lhe proporcionava. Por vezes, fazia-a pensar se algum dos seres noturnos teria a consciência de estar a ser observado e, se sim, se isso lhe interessaria. E, em determinadas alturas, nos seus momentos sombrios e paranoicos, levava-a a pensar se, por outro lado, alguém estaria a observá-la a *ela*.

5

A tesoura de pânico estava pousada no chão, intocada. A tesoura de uso industrial era especificamente concebida para cortar roupa, fita adesiva e até couro — mas não iria ser usada. Naquela noite não haveria salvamento. A cadeira tombara quando a vítima em pânico tentara libertar-se dos laços. Era agora uma visão estranha, caída inutilmente no chão, conforme o seu medo se intensificava e a respiração esmorecia. Não estava a conseguir libertar-se dos laços e o fim não poderia estar longe. Parado diante dele, o atacante observou-o, a pensar no tipo de morte que iria ocorrer. Sobreaquecimento? Asfixia? Paragem cardíaca? Era impossível dizer e a incerteza era bastante entusiasmante. Os movimentos da vítima eram cada vez mais lentos e o vulto vestido de couro afastou-se. Não ganhava nada em observar o espetáculo, especialmente quando algum anormal sexualmente excitado podia irromper a qualquer momento. O seu trabalho ali estava feito. Virando costas, encaminhou-se calmamente na direção da porta. Iriam chegar lá? Iriam perceber aquilo com que lidavam? Só o tempo o diria, mas, independentemente do que sucedesse, havia uma coisa que a polícia, as pessoas e os anormais lá fora *não poderiam* ignorar: a bela figura atada, estendida ali no chão, contorcendo-se lentamente até ficar imóvel quando a morte a reclamasse.

6

Onde estava ele?

Há horas que aquela questão não parava de circular na mente de Sally. Ela tentara dormir, mas desistira, primeiro ligando o rádio, mais tarde acendendo a luz para ler. Mas não assimilava as palavras e chegara ao fim da página sem interiorizar nada. Acabara por desistir, apagando a luz para ficar desperta às escuras. Era uma pessoa ansiosa, tinha noção disso, sempre pronta a ver infortúnios em cada esquina. Mas sem dúvida que tinha o direito de se preocupar. Paul andava de novo a «trabalhar até tarde». Umas semanas antes, isto não teria sido motivo de preocupação. Paul era ambicioso, esforçado e empenhado — a sua sólida ética de trabalho implicara muitas vezes, ao longo dos 20 anos de casamento deles, que tivesse regressado para comer um jantar frio. Até que certo dia, há três semanas, ela tivera de o contactar com urgência, no seguimento de uma chamada da mãe dele. Incapaz de o apanhar através do telemóvel, ligara para a sua secretária, tendo-lhe sido dito que ele saíra do escritório às 17h00 em ponto. Os ponteiros do relógio da cozinha apontavam impiedosamente para as 20h00 enquanto Sally desligava em choque. A mente dela enchera-se prontamente de possíveis cenários — um acidente, um caso —, mas tentara reprimir a sua ansiedade, e quando mais tarde ele regressou a casa são e salvo, ela nada disse.

Mas, da vez seguinte em que ele ligou a dizer que iria chegar tarde, encheu-se de forças e foi pessoalmente procurá-lo. Dirigira-se ao escritório carregada com pretextos, mas revelaram-se desnecessários, pois ele não se encontrava lá. Uma vez mais, saíra mais cedo. Será que ela conseguira disfarçar a sua perturbação diante da secretária? Pareceu-lhe que sim, mas não teve a certeza. Talvez ela já soubesse. Dizem que a mulher é sempre a última a saber. Seria Paul o tipo de homem para

ter um caso? Instintivamente, Sally achou que não. O seu marido era um católico da velha guarda que prometera honrar os seus votos de casamento, e fizera-o com convicção. Sempre houvera felicidade e prosperidade no casamento e na vida familiar deles. Além do mais, Sally mantivera o seu aspeto e silhueta, apesar do nascimento dos gémeos, e tinha a certeza de que Paul ainda a achava atraente, apesar de terem passado a fazer amor de forma cada vez mais esporádica. Não: instintivamente, ela insurgiu-se contra a ideia de ele oferecer o seu amor a outra pessoa. Mas não era nisso em que acreditavam todas as mulheres enganadas até ficarem a par da vida dupla do marido? Os minutos foram-se arrastando. O que andaria ele a fazer tão tarde? Com quem estaria? Em inúmeras ocasiões nos dias anteriores, resolvera abrir o jogo com ele. Mas nunca encontrou as palavras certas; além disso, e se estivesse enganada? Talvez Paul andasse a preparar-lhe uma surpresa? Não iria ficar arrasado se fosse acusado de traição? A verdade é que Sally estava assustada. Uma pergunta poderia desfazer uma vida. Por isso, apesar de permanecer acordada, a tentar descobrir a forma correta de puxar o assunto, sabia que nunca faria a pergunta. Não por não querer saber. Mas por causa daquilo que poderia descobrir.

7

Eram quase duas da manhã e o sétimo andar estava silencioso como um túmulo. A sargento-detetive Charlie Brooks conteve um bocejo, enquanto vasculhava os ficheiros dos casos arquivados na sua secretária. Sentia-se exausta — as pressões da recente promoção e da maternidade cobravam o seu custo —, mas estava determinada a dar àqueles casos a atenção merecida. Eram homicídios por resolver que datavam de 10, 15 anos — casos mais do que arquivados —, mas as vítimas eram a filha, a mãe, o pai ou filho de alguém e os que foram deixados para trás ansiavam por respostas com a mesma intensidade da época em que fizeram o luto. Havia tanta coisa a passar-se na labuta do dia a dia que apenas à noite, quando a paz finalmente se abatia sobre a Esquadra Central de Southampton, Charlie conseguia tratar destes casos. Era apenas um dos seus deveres suplementares que lhe eram exigidos agora que dera o salto de detetive para sargento-detetive e estava determinada a não ser apanhada em falta. Tinha de agradecer a Helen Grace pela promoção. Apesar de Helen já ter a sargento-detetive Sanderson como sua imediata, exigira que Charlie fosse promovida, no seguimento do seu bom trabalho no caso Ethan Harris. Helen enfrentara a resistência daqueles preocupados com a possibilidade de a cadeia de comando ser comprometida, mas no final levara a sua avante, convencendo pessoas suficientes de que Charlie merecia a promoção. A detetive Charlie passara então a ser a sargento-detetive Charlene Brooks. Naturalmente, ninguém lhe chamava isso — seria sempre Charlie para toda a gente na Esquadra Central de Southampton —, mas soube-lhe muito bem quando escutou o seu nome completo a ser lido na cerimónia de investidura. Helen nesse dia esteve por perto, piscando discretamente o olho a Charlie quando ela regressou ao seu lugar entre os outros agentes promovidos, tentando conter um sorriso rasgado. Mais

tarde, quisera levar Helen a sair, para lhe agradecer pessoalmente, mas esta não alinhou — levando-a antes ao Crown and Two Chairmen para o tradicional «batismo» de um novo sargento. Teria sido para evitar quaisquer acusações de favoritismo, ou simplesmente por não se sentir confortável em aceitar os agradecimentos de Charlie? Era difícil de dizer e de qualquer forma as rodadas constantes de bebidas que se seguiram foram bastantes animadas. Toda a equipa marcou presença e toda a gente, com a possível exceção de Sanderson, foi transmitir a Charlie a sua satisfação. Tendo em conta os dias sombrios que teve de suportar para chegar a este ponto, Charlie sentiu-se profundamente grata pelo voto de confiança que lhe foi dado naquela noite.

Estava de tal forma envolvida nas suas recordações — memórias ténues de uma sessão de karaoke tardia e muito embriagada com a detetive McAndrew — que deu um salto quando ergueu o olhar e se deparou com o sargento de serviço junto dela.

— Desculpa, estava a milhas daqui — disse ao virar-se para ele.

— A justiça não dorme, certo? — reagiu ele, com o seu habitual piscar de olho. — Isto acabou de chegar. Achei que gostarias de ver de imediato. — A folha que ele lhe entregou era parca em pormenores (uma suspeita de homicídio sem identificação da vítima nem testemunhas), mas algo lhe saltou de imediato à vista. Anotada no topo da folha do caso encontrava-se uma morada — onde ela nunca estivera mas que era conhecida em Southampton.

As Masmorras.

8

Helen entrou no caos. A discoteca enchera até rebentar pelas costuras e os clientes espalhavam-se agora pela rua, encamiñados para lá pelos perturbados seguranças. Era um cenário admirável — uma dúzia de agentes da polícia, com os seus coletes bem visíveis, mergulhados num mar de trajes de vinil, correntes e pele despida. Em circunstâncias diferentes, aquilo teria levado Helen a sorrir, mas o medo e o choque nos rostos dos presentes baniram tais pensamentos. Muitos dos frequentadores da discoteca deambulavam pelo exterior apesar das tentativas da gerência para que seguissem o seu caminho, juntando-se uns aos outros para especularem sobre os acontecimentos da noite.

Mostrando a sua identificação, Helen forçou a passagem por entre a multidão rumo à entrada. O agente fardado assentiu incomodamente com a cabeça, embaraçado por dar por si de guarda a uma conhecida discoteca de sadomasoquistas, após o que abriu as grandes portas revestidas a couro que mantinham os clientes lá dentro e os olhares indiscretos lá fora. Helen nunca visitara as Masmorras e, assim que passou a soleira, ficou de imediato espantada com a escadaria que se abria e descia diante dela. Carmesim escuro desde o teto até ao chão, flanqueada por paredes guarnecidas com engenhosos instrumentos de tortura. Parecia a entrada para o inferno.

Helen desceu rapidamente, agarrando-se ao corrimão para evitar escorregar nos degraus desnivelados, pegajosos e escondidos pela sombra. A discoteca era composta por uma série de abóbadas arqueadas em tijolo; Helen avançou então para a maior delas. Uma ou duas horas antes, este fora um cenário de despreocupação selvagem, mas agora encontrava-se deserto, com a exceção de Charlie, da detetive McAndrew e de uma série de agentes de patente inferior. Apenas o cheiro persistia:

suor, cerveja derramada, perfume e algo mais — um cocktail doce e pungente que não combinava com a sensação de vazio da discoteca.

— Desculpa ter-te chamado tão tarde. Ou tão cedo. Nem sei bem.

Charlie avistara Helen e encaminhava-se na direção dela.

— Não há problema — respondeu calorosamente Helen. — O que é que temos aqui?

— Ali o querido encontrou o corpo — esclareceu Charlie.

Apontou para um jovem pálido e louro que prestava o seu depoimento a McAndrew. A manta da polícia que lhe fora entregue não conseguia tapar por completo o seu fato minúsculo da polícia de Los Angeles, e ele agarrava-se nervosamente a ela, aparentemente envergonhado com a presença de genuínos agentes da polícia.

— Ele e um amigo andavam à procura de um local onde pudessem estar mais à vontade. Foram até uma das divisões das traseiras e deram com a nossa vítima. Separámos o casal, mas os relatos batem certo. Juram a pés juntos que não chegaram a entrar no quarto. A Meredith recolheu amostras deles para confirmar.

— Ótimo. Sabe-se do gerente?

— O detetive Edwards está neste momento no escritório das traseiras com o Sr. Blakeman.

— OK, então vamos lá tratar disto, certo?

Charlie apontou a Helen as traseiras da discoteca e caminharam nessa direção.

— Há testemunhas? — quis saber Helen.

— Não nos falta gente que queira falar, mas não lhes chamaria testemunhas. Estava escuro, havia muito barulho e muita gente. Metade da clientela usava fatos ou máscaras. Vamos ter sorte se arranjarmos algo de útil e ninguém diz que viu algo de invulgar. Segundo os seguranças, uns quantos clientes puseram-se a andar assim que apareceu a polícia. Pedimos ao Blakeman uma lista completa dos membros, para podermos localizá-los, mas...

— É improvável que tenham usado os nomes verdadeiros — interrompeu Helen. — E não estou a vê-los a avançar de livre e espontânea vontade para nos ajudar. Mas insiste nisso, nunca se sabe.

Charlie assentiu, mas Helen percebeu que a mente dela estava também a incidir nas complicações peculiares que poderia oferecer um

caso destes. Tendo em conta a escassez de testemunhas, para fazerem progressos tangíveis teriam provavelmente de se apoiar intensamente nas provas forenses, nas câmaras de videovigilância e nos resultados dos exames *post mortem*.

Estugando o passo, Helen deu por si na companhia dos agentes do local do crime. Já tinham chegado ao local do homicídio. Enfiando coberturas esterilizadas sobre o calçado, Helen anuiu com a cabeça na direção de Charlie e, preparando-se mentalmente, entrou no quarto do outro lado.

9

O pequeno espaço fervilhava de atividade. Meredith Walker, chefe dos serviços forenses da Esquadra de Southampton, já se encontrava apoiada sobre as mãos e joelhos, numa diligente busca pelo chão. Os donos da discoteca nitidamente não perdiam muito tempo em limpezas, e iria ser um trabalho titânico para Meredith e a sua equipa ensacarem todos os detritos. A quantidade de pegadas na divisão era evidentemente grande — Helen temeu que fosse mais fácil descobrir qual dos membros da discoteca *não* esteve naquela divisão do que identificar os que estiveram —, o que iria complicar ainda mais a tarefa que tinham em mãos.

Helen apercebeu-se de Charlie a olhar para ela e, apartando estes pensamentos derrotistas, avançou cautelosamente. A vítima jazia no meio do chão, atada a uma cadeira de metal com fita adesiva e lençóis húmidos. Helen presumiu que se tratasse de um homem, tendo em conta a altura, mas era difícil ter a certeza. A cabeça da vítima encontrava-se completamente envolvida em fita adesiva prateada, sem que fosse visível nem um fio de cabelo ou uma porção de pele. Os lençóis húmidos estavam colados ao corpo, reforçando em Helen a percepção da imobilidade paralisante que a vítima terá sentido. Era uma forma terrível de morrer.

Já tinham ocorrido, naturalmente, mortes em sessões de sadomasoquismo — autoerotismo e jogos sexuais que correram mal —, mas aquilo parecia diferente. No chão, junto ao corpo encontrava-se uma tesoura de pânico, rodeada pela equipa de Meredith e etiquetada para análise. Quem quer que fosse o autor do crime dispusera então dos meios para libertar a sua vítima, mas *optara* por não o fazer, abandonando a sala, fechando a porta atrás de si e afastando-se sem chamar a atenção de ninguém. Assim sendo, não fora um acidente. Fora um homicídio deliberado e calculado.

O fotógrafo da polícia assentiu na direção de Helen e ela avançou. Enfiando a mão enluvada sob a vítima, ela ergueu-a do chão. A cadeira vacilou um pouco e depois endireitou-se, ficando em posição diante dela. A cabeça da vítima tombou para baixo, acabando por repousar no peito.

— Pessoal, podem dar-nos uns minutinhos? — pediu Helen, com calma mas num tom firme.

Meredith e a equipa retiraram-se, deixando Charlie e Helen a sós com o morto. Estava agora na altura de revelar a vítima e iniciar o processo de identificação — uma tarefa que não exigia audiência.

Pegando numa tesoura esterilizada, Helen fez um golpe nos lençóis que prendiam as pernas e o tronco. Não era provável que conseguisse identificá-lo pela visão dos pés, mas queria libertar os braços e as pernas. Isto iria possibilitar-lhe uma melhor frente de ataque à fita adesiva que o prendia do peito para cima. Sabia que não poderia arriscar-se a infligir-lhe ferimentos *post mortem* cortando às cegas, por isso, apesar de todos os seus instintos a incentivarem a remover a fita dos olhos, nariz e boca, por ora resistiu.

Pacientemente, Helen cortou os lençóis rijos, libertando o corpo do seu purgatório. Os lençóis caíram, revelando as tiras que lhe prendiam os tornozelos às pernas da cadeira. Helen desatou-as e caíram juntamente com os lençóis, mas o corpo não apresentou a mínima reação. O *rigor mortis* estava a instalar-se — a vítima parecia um homem congelado no tempo.

Dando seguimento à sua desagradável tarefa, Helen afastou os lençóis de cima, entregando-os a uma muito pálida Charlie. Depois, enfiou uma lâmina da tesoura sob a fita adesiva no peito dele, fazendo-a deslizar sobre a pele macia do fato sem arranhar a superfície. Abrandou o avanço quando subiu na direção do pescoço — todas as marcas, até picaduras no corpo, poderiam facultar-lhes provas essenciais e Helen estava determinada a não prejudicar a investigação com um erro humano.

A fita que lhe cobria a garganta saiu facilmente — apenas a sua cabeça permanecia agora tapada. Pousando a tesoura, Helen optou por terminar à mão a última fase, a mais delicada. Passando os dedos pelo topo da cabeça dele, rapidamente descobriu o que procurava. A ponta da fita estava bem presa, mas com alguma força acabou por libertar-se.

Chegara o momento da verdade. Agarrando a ponta solta, Helen começou a desenrolar a fita. Lentamente, de início, e depois mais depressa e com mais confiança, até por fim tudo ceder.

A visão que a saudou deixou-a sem fôlego. Não por se sentir repugnada pelo rosto pálido e sem vida da vítima, mas porque a *reconheceu*. Aquele pobre desgraçado era amigo dela. O seu dominador.

Era Jake.

10

Helen subiu atabalhoadamente as escadas, com a mão a prender a garganta. Sentia o vômito a subir e precisava de se *afastar* daquele inferno subterrâneo. Consequia ver à frente a luz verde da saída e percorreu os últimos metros a grande velocidade, irrompendo para a noite.

Ignorando os olhares de espanto dos agentes fardados que estavam de guarda, Helen apressou-se na direção da vedação de arame que circundava a discoteca e agarrou-se a ela. Respirava de forma ofegante, tinha o coração a mil e as vagas de náuseas não paravam de chegar. Inspirou grandes quantidades de ar, tentando desesperadamente evitar chamar as atenções, mas sem sucesso.

Começou a vomitar, violenta e ruidosamente, com o estômago constantemente às voltas, até nada restar lá dentro.

Ninguém se moveu para ajudá-la, pelo que Helen permaneceu a olhar fixamente para o chão, completamente vazia. *Não podia* ser Jake. Em parte, sentia-se tentada a regressar ao local do crime, para provar a si própria que cometera um erro estúpido. Mas no seu íntimo sabia que era ele. O seu rosto era inconfundível e familiar; além do mais, a tatuagem no pescoço comprovava-o. O homem por cuja companhia pagara em inúmeras ocasiões ao longo dos anos, que a espancara muitas vezes nas suas introspeções sombrias em sessões de sadomasoquismo, estava morto. Jake era a única pessoa que conhecia a verdadeira Helen e a sua súbita morte deixou-a desorientada e confusa.

Da última vez que o vira, ele estava feliz e bem com a vida. Andava a sair com um novo namorado, esquecera a sua paixão por Helen e a vida parecia correr-lhe bem. O que teria corrido tão terrivelmente mal para acabar ali, numa discoteca aberta até bem tarde, nas garras de um assassino brutal e impiedoso? Helen teria dado qualquer coisa para voltar

atrás no tempo, para entrar naquele pequeno quarto quando Jake estava a ser atacado e arrastar dali o seu agressor.

— Sentes-te bem?

Helen ergueu o olhar e deu com Charlie parada ao seu lado, enquadrada pela escuridão. Ninguém teria falado com ela de modo tão informal ou com tal afeto, e isso pô-la no seu lugar. Por norma, teria reagido intempestivamente e mandado a pessoa embora, mas ela e Charlie tinham passado por muita coisa juntas para poder dispensá-la sem mais nem menos. Em grande parte, Helen queria revelar que conhecia a vítima, que era seu amigo. Mas, ao abrir a boca para falar, a língua recusou-se a obedecer.

— O que foi, Helen? O que se passa? — insistiu Charlie.

Helen continuou sem dizer nada. Admitir que conhecia a vítima implicaria confessar o modo como se tinham conhecido. Instantaneamente, pôs essa ideia de parte — não queria expor-lhes Jake dessa forma — e, além disso, como é que poderia olhar os seus colegas nos olhos assim que os detalhes da sua vida privada fossem revelados? Seria alvo de gozo, motivo de infinitas piadas indecentes, mas, mais do que isso, eles *saberiam*. As sessões dela com Jake sempre haviam sido privadas, discretas e especiais — um espaço onde podia revelar os males do passado e enfrentar os seus sentimentos de culpa. Se se abrisse daquela forma, seria exposta, humilhada e muito provavelmente afastada do caso, e isso era algo que Helen não estava preparada para tolerar.

— Está tudo bem. Foi só o choque — respondeu Helen, levantando-se.

— Não é uma visão lá muito agradável, pois não? Se quiseres que eu lide com isto...

— Não há problema. Já estou bem — disse prontamente Helen. — Vamos lá tratar disto, OK?

O seu tom confiante soou forçado, mas Charlie não teceu comentários. Por isso, travando mais uma vaga de náuseas e dando a impressão de que estava bem, Helen regressou à entrada escancarada da discoteca para desempenhar a sua sombria função.

Ele enfiou-se na cama e virou os olhos para a parede. Percebeu que Sally não estava a dormir — apesar de fingir que sim — e tentou imaginar em que pensaria ela. Conseguiria ouvir o coração dele a bater freneticamente? Conseguiria sentir-lhe a excitação?

Demorara o seu tempo a regressar a casa, na esperança de se sentir mais calmo quando chegasse. Mas a adrenalina ainda corria dentro dele e, apesar de ter tomado um demorado duche, teve a certeza de que a mancha da noite ainda perdurava nele.

Por vezes, tinha a sensação de que Sally queria dizer algo, quando estavam deitados juntos. Que a crescente ausência dele na vida dela fora notada, que a paciência estava a chegar ao ponto de rutura. Sinceramente, desejava que ela perguntasse. E não apenas para pedir perdão e corrigir o modo cruel como a tratava. Mas também porque queria explicar — para que as suas ações cruéis e autodestrutivas fizessem sentido. Andava a brincar com o fogo, arriscando tudo e toda a gente de quem gostava, e queria partilhar esse fardo com ela.

Deveria tomar a iniciativa? Ser ele próprio a contar-lhe? Assim que a ideia lhe chegou à mente, descartou-a. Por onde é que começaria? O que diria? Sally não era um capacho, era uma mulher inteligente e cheia de energia — porque é que *ela* não o interpelava, exigindo uma explicação pelos seus atos?

É claro que não o faria. O casamento deles alimentava-se agora do silêncio. Por isso, nada mudaria, apesar de *tudo* mudar a cada noite passada. Ele aos poucos tornava-se outra pessoa — algo novo e desconhecido. Isso entusiasmava-o e assustava-o em igual medida, tal era a força da sua obsessão. E era por isso que desejava ter alguém com quem falar, que o desafiasse. Porque instintivamente sabia que, deixado por sua conta, nunca, mas nunca, pararia.

12

Eram apenas sete da manhã, mas Emilia Garanita já estava a trabalhar há várias horas. Os jornalistas frequentemente levantavam-se a horas estranhas, e os repórteres de crime eram dos mais afetados — assassinos, violadores e raptos não respeitavam quem tinha de escrever sobre os feitos deles. Emilia estava habituada a isso e admitia que apreciava bastante o seu estilo de vida. Adorava a cama tal como qualquer rapariga, mas a vibração do seu telemóvel a meio da noite pressagiava sempre algo de excitante, algo de novo.

O polícia Alan Stark, um afável agente que aceitava pagamentos em dinheiro em troca de informações, ligara-lhe três horas antes. Ocorrera um homicídio durante a noite — daí que Emilia estivesse instalada com ele num café de segunda junto às Masmorras, debruçada sobre uma sanduiche de bacon.

— Viste o corpo? — perguntou Emilia, indo direta ao assunto.

— Não, mas falei com um colega que esteve no local do crime e que me contou tudo. Aquele lugar é uma coisa do outro mundo.

— Como assim?

— É uma discoteca de fetichistas e era a noite do «Baile Anual». Por isso, estavam lá todos em força... Paneleiros, fufas, submissos, diabos, anjos...

— Reconheceste alguém?

— Tenho a certeza de que estavam lá todos — disse, rindo-se de forma amarga. — Vereadores, pessoal da BBC, vigários, mas podes apostar o que quiseres que se puseram a andar antes de o Departamento de Investigação Criminal aparecer. Os que por lá ficaram usavam máscaras, capacetes e coisas dessas, por isso...

— Apanhaste alguém com registo criminal?

— Ainda estamos a processá-los.

— E quem é o dono... da discoteca, quero eu dizer?

— Não faço ideia. Mas o gerente, se é isso que lhe queres chamar, está agora a falar com o DIC. Sean Blakeman.

Emilia anotou o nome.

— Fala-me da vítima.

— Tipo branco com pouco mais de 40 anos. Amarrado a uma cadeira, antes de lhe ser enfaixada a cabeça com fita adesiva desde o queixo até ao topo. Calculo que o pobre coitado tenha sufocado.

Prosseguiu a descrição da cena, dando o máximo possível de pormenores sobre a vítima e a clientela da discoteca. Emilia só ouvia em parte, anotando o testemunho com a sua estenografia viva e eficiente, com a mente já imaginar a história que iria escrever. Sexo, homicídio, tortura, excitação — este caso era verdadeiramente picante e iria provocar uma tempestade com o seu editor. Tinha tudo a seu favor e a cereja no topo do bolo era a confirmação por parte de Stark de que o caso seria tratado pela antiga amiga de Emilia, agora némesis, a inspetora-detetive Helen Grace.

13

Helen percorreu energicamente o corredor, com o coração a afundar-se a cada passo. Estivera acordada toda a noite, indo diretamente do local do crime para a sala de operações. Nutriu a secreta esperança de que a equipa pudesse ter feito progressos rápidos, mas, na realidade, sabia que era demasiado cedo para isso — as peculiaridades do crime implicavam que teriam de ser pacientes. Os relatos das testemunhas no terreno eram pobres e, sem sistemas de vigilância na discoteca, teriam de reunir imagens recolhidas por amadores através de telemóveis e juntar as peças para tentar estabelecer uma espécie de cronologia. Isto poderia dar algum proveito e, naturalmente, Meredith ainda mantinha a sua equipa forense a trabalhar arduamente. Entretanto, havia uma prova muito valiosa ainda por desembrulhar: o corpo de Jake.

Helen chegou às portas da morgue e entrou repentinamente. Se hesitasse, perderia a coragem e daria meia-volta. Jim Grieves, o médico-legista, virou-se quando Helen se aproximou. Grieves praticamente não a cumprimentou e Helen sentiu-se grata por isso. Não tinha disponibilidade mental ou força emocional para conversa de ocasião. Só queria despachar aquilo.

— É um homem caucasiano, nos finais dos 30, início dos 40, com grande interesse em arte corporal, *piercings* e masoquismo. Há muitos ferimentos antigos associados ao uso de correias, incluindo um pulso fraturado há uns anos e um tornozelo deslocado que nunca sarou por completo. Alguns sinais de DST e também encontrei em partes da roupa um historial de resíduos de sémen, que não eram dele.

Helen assentiu com a cabeça, mas não teceu comentários — era perturbador ouvir o seu amigo ser dissecado de uma forma tão fria e clínica.

— Fizemos análises de sangue preliminares... álcool, cetamina e uma pequena quantidade de cocaína, mas não foi isso o que o matou. Morreu asfixiado. Dá para perceber pelas hemorragias petequiais nas bochechas e pálpebras, e também pela cianose, que é o que lhe dá ao rosto esta descoloração azulada. Não há pisaduras nem marcas no tronco, pelo que podemos partir do princípio de que a fita adesiva que lhe envolvia a cabeça estava suficientemente apertada para cortar o oxigénio e que o assassino não teve de aplicar qualquer pressão na garganta ou pescoço. Os sangramentos e os ferimentos nos lábios sugerem que tentava morder a fita quando perdeu a consciência.

Helen cerrou os olhos, subjugada pelo terror do sofrimento de Jake.

— Ele sofreu uma profunda desidratação devido a uma enorme subida da temperatura do corpo, que terá levado a uma paragem cardíaca, mas não terá dado muito por isso. O cérebro dele ansiava por oxigénio; foi isso que atuou sobre ele, mais do que qualquer outra coisa que tenha ocorrido depois.

— Quanto tempo? — A voz de Helen soou frágil e tensa.

— Quatro ou cinco minutos para perder a consciência, um pouco mais até morrer.

— Ele terá percebido o que estava a acontecer?

— Até perder os sentidos. Talvez a ideia fosse essa. Não houve tentativa de tortura ou de lhe fazer mal fisicamente, apesar de estar à mercê do assassino. O que pode sugerir que o atacante quisesse que a vítima tivesse conhecimento do que se passava, para se *sentir* desamparada enquanto ficava sem oxigénio.

Helen assentiu com a cabeça, mas não disse nada em resposta. Sentia um acumulado de emoções — raiva, desespero, náuseas — enquanto Grieves descrevia os pormenores brutais da morte de Jake. Teria o agressor ficado por perto a vê-lo morrer? Seria importante para ele estar presente na altura da sua morte? Para lá da terrível afronta, Helen começou a sentir algo mais a ferver: medo. Medo de que as trevas uma vez mais se abatessem sobre ela.

— Mais alguma coisa? Para já, faltam-nos boas provas — prosseguiu Helen.

— Tendo em conta o ambiente em que foi encontrado o corpo, as roupas estão surpreendentemente limpas. Encontrei alguma saliva

fresca na face e na orelha direita. Duvido que seja dele, a julgar pela localização.

— Dá para acelerar as análises? — perguntou prontamente Helen.

— Precisamos de algo concreto com que possamos trabalhar...

— Faço o que posso, mas tenho mais três cadáveres para processar e toda a gente quer tudo para ontem, não é? — resmungou Grieves.

— Obrigada, Jim. O mais depressa que puder, por favor.

Helen apertou-lhe o braço e rodou sobre os calcanhares. Grieves ia protestar, mas foi demasiado lento. Helen já tinha partido.

Helen regressou à *Kawasaki*, embrenhada nos seus pensamentos. Com uma exceção, só vira Jake com o vestuário profissional deste. Encontravam-se no apartamento dele, onde a iluminação era ténue e a conversa se resumia ao essencial. Com o tempo, vieram a conhecer-se melhor um ao outro, mas continuavam a desempenhar papéis nas suas sessões, e Helen compreendeu agora que nunca chegara a conhecer o seu amigo. Sem dúvida, nunca o vira como naquela manhã — despido e sem enfeites, sob o brilho intenso das luzes mortuárias.

Lembrou-se de que ele tinha uma cabeça de águia tatuada no pescoço, mas nunca lhe pergantara o significado. Sabia que não falava com os pais, mas nunca lhe pergantara quem eram ou onde Jake fora criado. Sabia que gostava tanto de homens como de mulheres, mas não sabia qual dos interesses nascera primeiro ou se, tal como toda a gente, procurava as mesmas coisas que os outros: compromisso, segurança, uma família. Desejou então ter feito mais perguntas a alguém que considerava um verdadeiro amigo.

No passado, ele pensara nela como algo mais do que isso. Durante o caso Ben Foster, Jake decidira seguir Helen, tal era a obsessão romântica que sentia por ela. Ela pusera um fim àquilo, acabando com o relacionamento deles por uns tempos, e para surpresa dela resultara. Quando por fim se encontraram por acaso, num bar no centro da cidade, ele tinha um compromisso sério com um tipo que conhecera recentemente. Parecera-lhe feliz e recomposto, de tal maneira que, quando enviara uma mensagem a Helen uns meses mais tarde, a perguntar se ela queria retomar as sessões, se sentira altamente tentada. No entanto, no final as cautelas impuseram-se e ela arranjou uma alternativa, empenhada em evitar confusas complicações emocionais. Mas continuava a pensar muitas vezes nele.

Poderia o namorado estar envolvido? Seria interessante descobrir o estado da relação deles e se frequentava as Masmorras. Teria o romance dele sido uma prolongada sedução, que crescera até àquele crime selvagem? Era tentador ir já ao apartamento de Jake, passá-lo a pente fino em busca de pistas concretas, mas fazê-lo sem a identificação oficial da vítima seria uma tolice extrema. A espera era um tormento — parecia que estava a manter deliberadamente o assassino ao largo —, mas sabia que Jake já fora antes apanhado por questões relacionadas com drogas e que, assim que as amostras do tecido dele fossem processadas, a sua identidade seria rapidamente estabelecida.

A investigação começaria então a sério. A ideia animou e gelou Helen em igual medida. Sabia que a sua equipa não deixaria pedra por virar na caça ao assassino de Jake, mas o que poderia significar para ela a investigação à vida dele? Será que ele guardara registos dos encontros? Alguma recordação dela? Será que ela lhe deixara marcas? Já tinham decorrido dois anos desde que recorrera aos seus serviços, mas era muito possível que procurar justiça para Jake acabasse por expô-la.

Por um lado, desejava fugir, mas a sua melhor parte sabia que teria de correr *na direção daquilo*. Independentemente das possíveis consequências para ela, tinha de encontrar o assassino. Devia isso — e muito mais — ao seu velho amigo. Por isso, montando a sua moto, ligou o motor e largou o travão. Com o coração a bater a mil, sentiu o estômago às voltas, mas não valia a pena adiar o inevitável. Dando ao acelerador, afastou-se a grande velocidade da morgue na direção da Esquadra de Southampton.

O detetive-superintendente Jonathan Gardam estava parado junto à janela do seu gabinete, a olhar para fora para o mundo. Não era a melhor vista que Southampton tinha para oferecer, mas facultava-lhe um ponto de observação discreto sobre o parque de estacionamento da esquadra mais abaixo.

Helen Grace acabara de chegar e estava a desmontar da moto. Era uma criatura de hábitos, escolhendo sempre o mesmo local, retirando o capacete e os acessórios de couro sempre pela mesma ordem. Gardam não sabia dizer se era impulsionada pela lógica ou pela superstição. Sabia que a paixão dela por motos era um legado da infância — num momento de distração, confessara ter roubado motorizadas na adolescência —, mas, além disso, ele pouco mais sabia. As profundezas da mente dela eram para ele um mistério, como sempre haviam sido.

Por isso, observava-a de longe. Fazia agora uma boa ideia da rotina dela — quando ia ao ginásio, quando ia correr — e programava a sua própria chegada à esquadra para coincidir com a dela. Estaria parado à janela quando ela se afastava da moto, a passar os dedos pelo seu cabelo comprido para o soltar depois de temporariamente limitado pelo capacete. Ela estava sempre tão concentrada nas suas coisas que nunca olhava para cima para a janela. Ele muitas vezes pensava como é que reagiria se olhasse para cima. Ficaria assustada ou iria sorrir-lhe e seguir em frente? Ele imaginara muitas vezes a situação, e na sua mente era sempre a segunda opção.

Naquele dia ela estava mais atrasada do que o costume, depois de uma visita matinal à morgue. Gardam tivera de adiar meia hora a sua primeira reunião para poder estar presente para recebê-la. Deixara a sua assistente maldisposta, mas valera a pena — Helen estava particularmente encantadora naquela manhã. Era infalivelmente atraente

— sempre se sentira atraído pela figura de amazona dela, pela pele clara e pela atitude de autoconfiança —, mas, ao conhecê-la melhor, apercebera-se de uma beleza mais profunda. Havia uma vulnerabilidade oculta de todos, a não ser dos mais próximos. Essa fragilidade estava naquele dia particularmente evidente. Pálida, alheada, envolvida nos seus pensamentos, a sua melhor inspetora-detetive parecia extremamente perturbada.

Gardam pressionou os dedos no vidro. Como acontecia tão frequentemente nos últimos tempos, queria ir lá e confortá-la. Mas ela permanecia fora de alcance. Ele esperou com o tempo vir a alterar isso, mas por ora tinha de limitar-se a observar.

Era melhor do que poderia ter imaginado. É claro que já antes ouvira histórias sobre as Masmorras, mas nunca tivera a inclinação — ou a coragem, talvez — para investigar mais a fundo. Ao ver agora a discoteca pela primeira vez, sentiu uma pontada de excitação — não seria possível imaginar melhor cenário para um homicídio macabro. A moral reinante lá fora teria empurrado aquilo para debaixo do tapete, assustada e excitada em iguais medidas.

Emilia sacou da sua *Nikon* e lançou-se ao trabalho, fotografando os exóticos instrumentos de tortura e de restrição. O tempo dela ali era limitado e sabia que tinha de despachar-se. Obter acesso fora mais difícil do que o habitual, pois o gerente e a maioria dos empregados do bar tinham-se posto a andar. Assim sendo, teve de descobrir qual era a empresa de segurança que por norma fornecia músculos para as portas. Os dois primeiros tipos que contactou disseram-lhe para não abusar da sorte, mas o terceiro era duplamente divorciado, tinha sede de bebedor e precisava de dinheiro.

— Dou-lhe 20 minutos, mas só isso. Preciso deste trabalho e não vou ser despedido à sua conta.

Emilia concordou, sabendo que assim que estivesse lá dentro poderia forçá-lo a ficar meia hora. Assim que as pessoas metem o dinheiro ao bolso, tornam-se um pouco menos orgulhosas.

Depois de ter fotografado a zona da pista de dança, percorreu rapidamente o corredor que dava para o local do crime. Mas estava vedado com fita, e a porta, muito bem trancada. Assim, simulando um aperto na bexiga, Emilia regressou a correr pelo corredor, abrindo caminho até ao cubículo nas traseiras que servia como escritório da discoteca.

A divisão estava praticamente despida — uma secretária decrépita, um pequeno armário de arquivo e uma lâmpada. Emilia lançou-se ao

trabalho, mas as gavetas encontravam-se vazias, as pastas de arquivo não tinham relevância e havia ali pouco que lhe interessasse. Emilia praguejou — aquela visita não ia revelar-se tão frutuosa quanto imaginara.

Ao virar-se para sair, a sua atenção foi detida pelas fotografias que decoravam as paredes do escritório acanhado. Eram de eventos passados — bailes, espetáculos de moda, sessões de fotografia — que tinham tido lugar na discoteca. Estavam repletos de clientes vestidos com exotismo e mereceram toda a atenção dela.

— Gary, pode vir aqui um segundo? — chamou Emilia.

Pouco depois, ele entrou no escritório, enervado e aborrecido.

— O que está aqui a fazer? Eu disse para se limitar à frente e ao corredor das traseiras.

— Perdi-me — disse Emilia, com um sorriso doce —, mas, agora que aqui estou, pode dar uma olhadela?

Apontou para as fotografias na parede. Mas o seu cúmplice já estava a recuar.

— O nosso tempo já se esgotou.

— Viu a vítima, não foi?

— Não propriamente.

— Ou viu ou não viu.

— Ele tinha a cara tapada por fita adesiva, mas conheci o tipo pela forma como estava vestido. Não lhe posso dizer o nome. Chamávamos-lhes sempre *Pés Brilhantes* por causa das botas douradas que usava...

— Então, olhe para estas fotos e diga-me se o vê.

— Nem pensar. Tem de se ir embora...

— Eu dei-lhe uma boa maquia, agora tem de a merecer. Eu tenho o telemóvel do Sean Blakeman — prosseguiu ela, mentindo. — Basta-me um minuto para deixá-lo a viver às custas do subsídio de desemprego.

Resmungando, Gary pegou nuns óculos de leitura que tinha no bolso da camisa. Emilia conteve um sorriso quando ele empoleirou nas dobras carnudas do seu rosto vermelho os óculos que o faziam parecer uma coruja. Era uma imagem mesmo cómica.

— Aqui. É este tipo.

O seu dedo apontava agora para uma figura no pódio vestida com calções metálicos brilhantes e a posar para a fotografia. Emilia lançou um olhar à moldura da fotografia — «Baile Anual 2013» — e aproximou-se

para ver melhor. O homem na imagem estava semidespido, era musculado e aparentemente estaria a divertir-se bastante.

— Mas não imagino quem ele seja e hoje não vai sacar-me mais nada — acrescentou o corpulento segurança.

— Não é preciso — disse Emilia, endireitando-se. — Sei perfeitamente quem ele é.

O guia dela por momentos ficou estupidificado, antes de reagir:

— Quem? Quem é ele?

Emilia estava já a afastar-se na direção da porta, mas virou-se. Com um sorriso a simular timidez, respondeu:

— Leia amanhã o jornal e vai descobrir.

UM HOMICÍDIO NUM CLUBE NOTURNO. UMA VÍTIMA ASFIXIADA ATÉ À MORTE. E O JOGO PERVERSO AINDA AGORA COMEÇOU...

Quando a detetive Helen Grace encontra a vítima no chão, presa a uma cadeira, percebe que não se trata apenas de um jogo sexual que terminou mal — as provas demonstram que o agressor dispusera dos meios para libertar o seu refém, mas decidira não o fazer. Ao remover a fita adesiva do rosto da vítima, Grace reconhece-a: trata-se de alguém com quem mantinha um relacionamento de que ninguém pode saber.

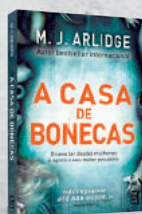
Helen inicia uma autêntica caça ao assassino, ao mesmo tempo que luta por manter a sua vida privada em segredo. Contudo, as várias pistas seguidas revelam-se infrutíferas, e surge um novo homicídio.

Travando uma batalha contra o tempo, Helen enfrenta uma escolha impossível: confessar os seus segredos mais obscuros e perder o controlo do caso, ou ocultar a verdade e arriscar-se a cair numa armadilha?

«M. J. Arlidge é o novo Jo Nesbø.»

JUDY FINNIGAN

*Do mesmo autor
dos bestsellers
internacionais:*



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8849-54-0



9 789898 849540

Thriller